

DOS MARES AOS CAMPOS: ENCONTROS ENTRE O REMO E O FUTEBOL NO RIO DE JANEIRO¹

Victor Andrade de Melo²

Recebido em: 31/05/2025

Aprovado em: 26/06/2025

Resumo: No Rio de Janeiro, há quatro clubes de futebol cujas trajetórias se cruzam de alguma forma com a prática do remo: Botafogo de Futebol e Regatas, Clube de Regatas do Flamengo, Clube de Regatas Vasco da Gama e São Cristóvão de Futebol e Regatas. Considerando esses casos, este estudo tem por objetivo entender a relação que se estabeleceu entre as duas modalidades a partir da compreensão da história do esporte na antiga capital do Brasil. Ao fim, chama-se a atenção para a pertinência de considerar que a rápida difusão e popularidade do futebol na cidade deve ser encarada também pelo fato de já contar com uma ambiência na qual o remo foi uma expressão notável.

Palavras-chave: Futebol; Remo; Rio de Janeiro; História do esporte; Clubes.

FROM THE SEAS TO THE FIELDS: MEETINGS BETWEEN ROWING AND FOOTBALL IN RIO DE JANEIRO

Abstract: In Rio de Janeiro, there are four football clubs whose trajectories intersect in some way with the practice of rowing: Botafogo de Futebol e Regatas, Clube de Regatas do Flamengo, Clube de Regatas Vasco da Gama and São Cristóvão de Futebol e Regatas. Considering these cases, this study aims to understand the relationship that was established between the two modalities based on an understanding of the history of the sport in the former capital of Brazil. Finally, it is worth noting that the rapid spread and popularity of football in the city should also be seen as a result of the fact that it already had an environment in which rowing was a notable expression.

Keywords: Football, Rowing Sport; Rio de Janeiro; Sport's History; Clubs

¹ Artigo originalmente publicado em francês no periódico Revue Football(s). Histoire, culture, économie, v. 4, p. 145-154, 2024.

² Doutor em Educação Física pela Universidade Gama Filho. Professor Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atua no Programa de Pós-graduação em História Comparada/ Instituto de História (UFRJ) e no Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação (UFRJ). Email: vitor.a.melo@uol.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1983-1475>.

DEL MAR A LAS CANCHAS: ENCUENTROS ENTRE EL REMO Y EL FÚTBOL EN RÍO DE JANEIRO

Resumen: En Rio de Janeiro, hay cuatro clubes de fútbol cuyas trayectorias se cruzan de alguna forma con la práctica del remo: Botafogo Futebol e Regatas, Clube de Regatas Flamengo, Clube de Regatas Vasco da Gama y São Cristóvão de Futebol e Regatas. Considerando estos casos, este estudio pretende comprender la relación que se estableció entre las dos modalidades a partir de la comprensión de la historia del deporte en la antigua capital de Brasil. Por último, se llama la atención sobre la relevancia de considerar que la rápida difusión y popularidad del fútbol en la ciudad debe verse también a la luz del hecho de que ésta ya contaba con un entorno en el que el remo era una expresión notable.

Palabras clave: Fútbol; Remo; Rio de Janeiro; Historia del deporte; Clubs.

Introdução

No âmbito do futebol, nos dias atuais, talvez seja possível afirmar que a grande rivalidade do Rio de Janeiro se estabeleça entre o Flamengo e o Vasco da Gama. Ainda que as partidas com as duas outras grandes agremiações da cidade, o Fluminense e o Botafogo, sejam também marcadas por grande expectativa, deve-se ter em conta o fato de os dois primeiros contarem com maior número de adeptos e mobilizarem arquétipos em certa medida diametrais: zona sul X zona norte, brasileiros X portugueses.

Na verdade, a rivalidade entre o rubro-negro Flamengo e alvinegro Vasco da Gama cresceu nas últimas décadas em boa parte graças a ações do segundo, que perspectivou o acirrar desses enfrentamentos como uma estratégia para superar os dois outros grandes clubes da cidade em suas representações públicas, vislumbrando mesmo alcançar a popularidade de seu rival, detentor há décadas do maior número de torcedores do Rio de Janeiro e do Brasil.

Os dias de jogos entre Flamengo e Vasco da Gama são, de fato, marcados por grande mobilização pública e não raras vezes por tensões ligadas aos conflitos violentos entre seus adeptos. Essas ocorrências lamentáveis não suplantam o clima de festa que se institui na cidade, sendo comuns as brincadeiras e provocações entre os torcedores, sempre a lembrar das conquistas mais célebres do passado.

O que em geral os adeptos pouco sabem é que essa disputa é anterior aos tempos dos campos de futebol. Seu início ocorreu nas águas da Baía de Guanabara, a enseada que banha parte do Rio de Janeiro, exatamente a área primordial e histórica da cidade, espaço central na trajetória do município fundado em 1565, local no qual, a partir de meados do século XIX, se estruturaram as competições de remo, junto com o turfe os esportes pioneiros a se conformarem no Brasil.

Deve-se considerar que o Rio de Janeiro foi a capital do Brasil desde os tempos coloniais até 1960, quando Brasília assumiu a condição. Esse fato merece registro para considerarmos a influência que a cidade teve na história do país, em muitos momentos servindo de inspiração para experiências entabuladas em outras localidades.

Nos dias de hoje, já não há competições de remo na Baía de Guanabara, em função de seu alto grau de degradação ambiental e do deslocamento de um setor significativo das elites, que passaram a viver no litoral mais ao sul, banhado por praias oceânicas. As regatas atuais são disputadas na Lagoa Rodrigo de Freitas, que se encontra nas redondezas da célebre Praia de Ipanema. As lembranças daqueles tempos pioneiros permanecem, contudo, nas disputas entre algumas agremiações que permanecem com suas embarcações nas águas do mar e majoritariamente graças às rivalidades futebolistas.

O fato é que uma parte importante do desenvolvimento do futebol na cidade do Rio de Janeiro deveu-se a alguns clubes de remo, uma dinâmica que teve dois arranjos:

- a) o futebol foi instituído a posteriori em agremiações originalmente criadas para a prática do remo, casos do Clube de Regatas do Flamengo e do Clube de Regatas Vasco da Gama.
- b) no mesmo bairro foram criadas agremiações distintas para o remo e para o futebol; em determinado momento se deu a fusão entre elas, casos do Botafogo de Futebol e Regatas e do São Cristóvão de Futebol e Regatas.

Considerando esses casos, este estudo tem por objetivo entender a relação que se estabeleceu entre o remo e o futebol a partir da compreensão da história do esporte na antiga capital do Brasil. O intuito é discutir um dos aspectos que contribuíram para a estruturação do futebol num país que, no século XIX, recém se tornara independente e buscava dialogar com o cenário internacional a partir da adesão ao ideário e imaginário da modernidade.



Figura 1

MASCHEK, E. de. Mapa do município neutro. Rio de Janeiro: Laemmert, [187-?].

Ao centro, a cidade do Rio de Janeiro. Do lado direito, a Baía de Guanabara. O círculo vermelho identifica a área da cidade que será abordada neste estudo, apresentada com detalhes no mapa a seguir.

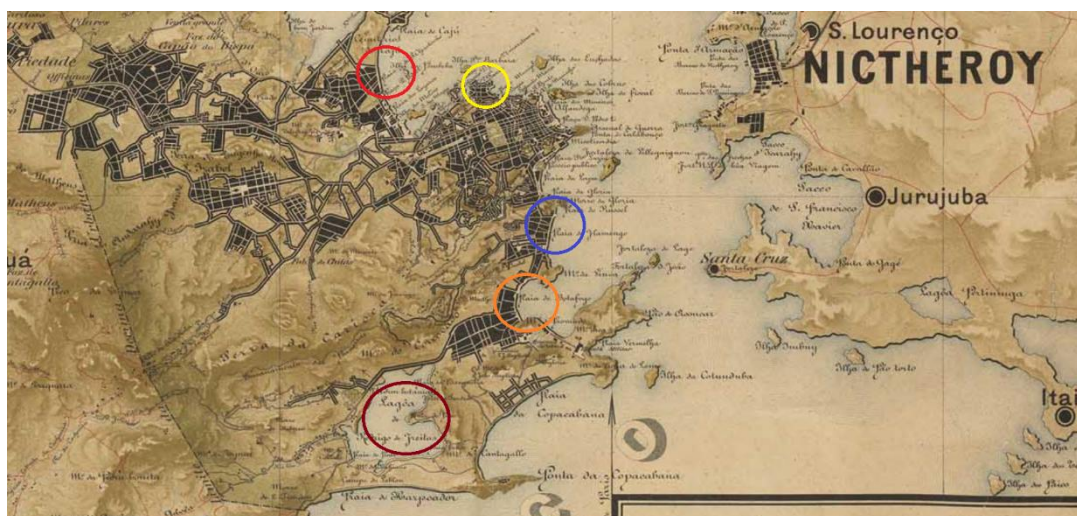


Figura 2

MASCHEK, E. de. Mapa do município neutro. Rio de Janeiro: Laemmert, [187-?].

Em vermelho, Praia de São Cristóvão, onde foram fundados o Clube de Regatas São Cristóvão e o São Cristóvão Atlético Clube, bem como instalados os estádios do São Cristóvão Atlético Clube e do Vasco da Gama. Em amarelo, o bairro da Saúde, onde foi fundado o Clube de Regatas Vasco da Gama. Em azul, a Praia do Flamengo, onde foi fundado o Clube de Regatas do Flamengo e instalados seus primeiros campos de futebol. Em laranja, a Enseada de Botafogo, onde foram fundados o Clube de Regatas Botafogo e o Botafogo Futebol Clube, bem como instalado o estádio do Botafogo. Em lilás, a Lagoa Rodrigo de Freitas, onde atualmente se encontra a sede do Flamengo e as sedes náuticas de Vasco e Botafogo.

Flamengo e Vasco: clubes náuticos com equipes de futebol

O remo já era usualmente praticado na Enseada de Botafogo, bairro no qual surgiram os pioneiros clubes náuticos do Rio de Janeiro, quando, em 1895, alguns jovens do bairro do Flamengo fundaram uma agremiação náutica. Não tardou para que suas atividades chamassem a atenção da cidade que ainda passava por mudanças e estranhava os novos tempos.

O Clube de Regatas do Flamengo foi um dos mais importantes do Rio de Janeiro no que tange à difusão de novos hábitos ligados à prática do remo, entre os quais o costume de diariamente ir à praia, a adoção de uma forma mais leve de se vestir e a mais usual exibição pública de uma compleição muscular avantajada. Em 1916, João do Rio, um dos principais cronistas da cidade, registrou a relevância da agremiação:

É o novo *ground*. O Clube de Regatas do Flamengo tem, há 20 anos pelo menos, uma dívida a cobrar dos cariocas. Dali partiu a formação das novas gerações, a glorificação do exercício físico para a saúde do corpo e a saúde da alma. Fazer esporte há 20 anos ainda era para o Rio uma extravagância. As mães punham as mãos na cabeça, quando um dos meninos arranjava um haltere. Estava perdido. Rapaz sem *pince-nez*, sem discutir literatura dos outros, sem cursar as academias – era homem estragado. E o Clube de Regatas do Flamengo foi o núcleo de onde irradiou a avassaladora paixão pelos esportes.

Conta Mário Rodrigues Filho (1945), de forma romanceada, que por ocasião da criação do Flamengo, observando o entusiasmo dos jovens, o padre Nattuzi procurou o Dr. Lourenço Cunha, pai de José Sobrinho (um dos fundadores do clube), lhe perguntando se não ficava preocupado com tamanho interesse, pois a fama das regatas “não era lá das melhores”. Cunha respondeu que acreditava no esporte como uma escola de formação e disciplina, uma prática saudável. O padre replicou que Cunha pensava assim porque era um pai “à moderna”.

A sede da agremiação na Praia do Flamengo se tornou um centro de reunião de uma juventude que buscava adotar novas posturas públicas. Em geral, era gente pertencente a uma burguesia urbana, especialmente relacionada a profissões liberais, sensivelmente diferente dos envolvidos com a criação do Clube de Regatas Vasco da Gama no ano de 1898, no bairro da Saúde.

A agremiação foi fundada por gente ligada ao comércio, majoritariamente pertencente à colônia portuguesa no Rio de Janeiro estabelecida. Alguns remadores já praticavam a modalidade em outros clubes, outros eram mesmo trabalhadores comerciantes. Em pouco tempo, ao contrário do Flamengo, tornou-se uma equipe vencedora.

O Vasco da Gama sempre se manteve entre a região central e a zona norte, a despeito de a partir de certo momento ter construído uma sede de remo na Lagoa Rodrigo de Freitas. O Flamengo, ao contrário, sempre foi de zona sul. Ambos começaram a ter equipes de futebol aproximadamente nos mesmos anos, trilhando, contudo, caminhos distintos, expressão de suas formações societárias.

A prática do futebol no Flamengo teve início em 1911, a partir de uma divergência surgida no Fluminense, um dos primeiros clubes do Rio de Janeiro centralmente dedicado ao velho esporte bretão. À essa altura, muitos remavam no primeiro e eram futebolistas no segundo. A equipe já disputou em 1912 o principal campeonato da cidade.

Já o Vasco criou sua primeira equipe de futebol no ano de 1915, quando incorporou outro clube, o Lusitânia. Ao contrário do Flamengo, no ano seguinte começou sua trajetória na terceira divisão, chegando à principal em 1923. Por sua formação societária, enfrentou muitos desafios para se afirmar entre as grandes agremiações da cidade. Em 1927, inaugurou seu notável estádio no bairro de São Cristóvão.

A despeito das diferenças societárias e peculiaridades de trajetória, no tocante aos intuitos deste estudo há um registro que merece atenção: ambos os clubes não ficaram inertes à ascensão do futebol, mesmo enfrentando resistências internas – nas duas agremiações houve

associados que rejeitaram a adesão à nova febre esportiva da cidade por a considerar muito popular e pouco afeita aos princípios atléticos de origem.

Nos dias de hoje, ainda que o remo não tenha nem de longe a visibilidade de outrora, Flamengo e Vasco mantêm suas equipes em atividade. Sem sombra de dúvida, contudo, são seus times de futebol que lhes concedem popularidade e visibilidade pública.

Botafogo e São Cristóvão: reunindo clubes náuticos e clubes de futebol

O Clube de Regatas Botafogo foi criado em 1894 por um grupo de jovens que já estava envolvido com o remo, alguns inclusive sócios da primeira agremiação náutica que deixou registros mais contundentes de sua atuação, o Clube de Regatas Guanabareense, que se manteve ativo de 1874 a 1886.

Liderando a criação do Botafogo se encontrava um personagem que deixou registros no que se refere à “moralização” da prática do remo: Luiz Octavio Ayque Caldas, antigo diretor do Guanabareense. Ele liderou um movimento de eliminação das apostas nas regatas, explicitando que o atleta deveria mostrar-se superior física e moralmente, um exemplo para a juventude nacional.

Com tal proposta, a agremiação se tornou uma das mais vitoriosas nos primeiros momentos de maior estruturação do remo no Rio de Janeiro. Tomou parte ativa nas iniciativas coletivas de controle e valorização da modalidade – inclusive na fundação de associações, destacando-se pela luta constante pelo amadorismo.

O Botafogo era tipicamente um clube de zona sul, sendo seus associados, assim como os do Flamengo, parte de uma burguesia urbana mais relacionada às profissões liberais ou cargos superiores das forças armadas. Já o Clube de Regatas São Cristóvão se parecia mais com o Vasco. Localizado na Zona Norte, numa faixa do litoral que na transição dos séculos XIX e XX mudou rapidamente de característica em função da instalação de fábricas, tinha uma formação societária caracterizada pela participação de comerciantes e donos de pequenos negócios.

O Clube de Regatas São Cristóvão, nome adotado em 1902, teve origem no Grupo de Regatas Cajuense, fundado em 1898. Entre outros destaques, essa agremiação foi uma das pioneiras do Rio de Janeiro a ter equipes femininas. Também se notabilizou por contar em suas fileiras com um dos primeiros grandes nomes do esporte brasileiro, Abrahão Saliture, atleta vitorioso em competições de remo, natação e polo aquático.

Tanto no bairro de Botafogo quanto no de São Cristóvão surgiram clubes de futebol. No primeiro, em 1904, foi fundado o Botafogo Futebol Clube, agremiação que construiu seu estádio em 1913, instalação que se tornou uma das referências do velho esporte bretão no Rio de Janeiro. A equipe tomou parte já no primeiro campeonato organizado na cidade, em 1906.

Já o São Cristóvão Atlético Clube surgiu em 1909, majoritariamente dedicado ao futebol. Em 1911, disputou um torneio seletivo de acesso à primeira divisão da principal Liga, no ano seguinte conseguindo tal intuito em função de uma dissidência dos clubes do Rio de Janeiro.

Ao contrário de Flamengo, Vasco e Botafogo, que foram campeões por diversas vezes, o São Cristóvão somente conquistou o título máximo em 1926. Ainda assim, foi durante décadas uma das principais agremiações futebolistas da cidade. Tornou-se famoso seu estádio inaugurado no ano de 1916.

Os clubes de Botafogo e São Cristóvão se mantiveram separados até a década de 1940. Naquele momento, em função da redução da importância do remo, bem como da enorme popularidade do futebol, acabaram por se fundir. Em 1942, surgiu o atual Botafogo de Futebol e Regatas. No ano seguinte, foi fundado o São Cristóvão de Futebol e Regatas.

Nos dias atuais, mesmo tendo enfrentado dificuldades diversas em sua história, mantêm-se ativas as equipes de futebol e remo do Botafogo. Já o São Cristóvão ainda permanece com sua sede náutica, mas sem grande atividade. Os aterros e o desgaste ambiental deram fim à prática do esporte náutico naquela faixa de litoral. No tocante ao futebol, é mais conhecido por ter sido o clube formador de um grande ídolo mundial, Ronaldo Nazário. Segue disputando as contendas das divisões inferiores, sem o brilho do passado.

Dos mares aos campos: o remo e o futebol no processo de estruturação do esporte

O que nos interessa neste estudo é tentar entender como se deu esse percurso dos mares aos campos tão bem representado pela trajetória desses quatro clubes. Para tal, precisamos percorrer a trajetória do esporte nas terras do Rio de Janeiro, compreender como se conformou esse costume na cidade.

As primeiras manifestações esportivas no Brasil ocorreram no Rio de Janeiro da década de 1810. Tratou-se de corridas de cavalos organizadas sem grande institucionalização, promovidas por britânicos que se estabeleceram na cidade a partir da chegada da família real portuguesa, que na colônia desembarcara em 1808 a fim de escapar dos conflitos napoleônicos.

em curso no continente europeu. Vale citar que em 1822 foi proclamada a independência do país, adotando-se um regime monárquico.

Ao promover tais corridas de cavalos, os oriundos do Reino Unido vislumbravam recriar algo de um costume que estava já estabelecido em seu país de origem. Tomaram parte em outras ocasiões semelhantes organizadas por brasileiros no decorrer da primeira metade do século XIX, inclusive na criação da primeira agremiação esportiva do Rio de Janeiro e do país, o Clube de Corridas, fundado em 1849.

O turfe tornar-se-ia, nos anos 1880, o primeiro esporte popular do Rio de Janeiro, mais na lógica do consumo do espetáculo do que da prática propriamente dita. Na transição para a década de 1890, chegaram a existir cinco hipódromos atuando simultaneamente na cidade. Pode-se dizer que foi uma das mais valorizadas diversões públicas do momento.

Em meados do século XIX, todavia, a modalidade encontrou dificuldades para se estruturar. Havia o desejo de alguns setores das elites de dinamizar a prática dita moderna e civilizada, mas ainda não a experiência que pudesse dar estabilidade e continuidade às iniciativas.

Nesse mesmo momento, surgiram as pioneiras iniciativas do remo, promovidas nas águas da Baía de Guanabara. Assim como ocorrera com o turfe, as primeiras provas foram disputas menos formais. Eram desafios entre indivíduos e grupos, ocasiões já registradas com fervor pelos jornais e revistas do Rio de Janeiro.

Merece maior registro a organização da pioneira bem estruturada regata, realizada em 1851, na Enseada de Botafogo, uma promoção da primordial agremiação náutica da cidade: a Sociedade Recreio Marítimo. Dessa ocasião, temos a primeira imagem nacional de uma realização esportiva, uma litografia que nos permite vislumbrar o frenesi que tomava conta das praias quando ocorriam competições náuticas. Os periódicos usualmente registraram o caráter de festa que tomava conta do litoral quando esses eventos eram promovidos.



Figura 3

1ª Regata da Sociedade Recreio Marítimo na Enseada de Botafogo em 1º de Novembro de 1851
Litografia (300 x 480 mm) de A. L. Guimarães, impressa na oficina de Heaton e Rensburg.
Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Assim como ocorrera com o turfe, a falta de experiência atrasou o desenvolvimento do remo na cidade do Rio de Janeiro. Os grupos envolvidos com esses esportes compartilhavam em maior ou menor grau o desejo de modernização, mas havia sensíveis diferenças entre eles: ligados às corridas de cavalos se encontravam majoritariamente os que atuavam na economia agrícola enquanto das iniciativas da modalidade náutica participavam em maior parte membros de uma burguesia urbana em formação.

Faltava claramente o maior reconhecimento da necessidade e potencialidade da criação de clubes esportivos que pudessem atuar na melhor estruturação das competições, bem como estimular as rivalidades. Nesse aspecto, uma vez mais deram significativas contribuições os britânicos no Rio de Janeiro estabelecidos. A partir da década de 1850, fundaram agremiações de críquete que deixaram um legado importante para a cidade, especialmente, em 1872, o Rio Cricket Club, no qual também se praticavam o atletismo (corridas, saltos e arremessos) e o tênis.

A princípio, tratava-se de uma agremiação muito fechada, somente acessível à colônia britânica. Logo, contudo, brasileiros começaram a frequentar e conhecer melhor as dinâmicas de estruturação clubista e esportiva. A partir dos anos 1870, foram fundados na cidade vários “clubs athleticos”, tornando-se uma moda os eventos de corridas e “jogos athleticos ingleses”.

Perceba-se que uma das contribuições dessas experiências foi a difusão de princípios de atletismo, promovendo-se uma relação mais clara entre o esporte e a promoção da saúde, bem como a veiculação de uma concepção de que a prática se trataria de uma eficaz ferramenta para a formação educacional da juventude.

Potencializou a disseminação dessas compreensões o quadro contextual do Rio de Janeiro na década final do século XIX. O maior vínculo com ideias que seguiam chegando do continente europeu, o fortalecimento da adesão ao ideário e imaginário da modernidade, a maior veiculação de noções de civilização e progresso tiveram impactos nos mais diversos âmbitos, inclusive na política. Em 1888, finalmente é abolida a escravidão no Brasil, no ano seguinte sendo encerrada a experiência monárquica com a proclamação da República.

Nesse cenário, a cidade se tornou progressivamente fervilhante do ponto de vista da cena pública, dinamizada por um mercado de entretenimentos crescente e diversificado. O esporte tornou-se concebido como um dos espetáculos mais apreciados, valorizado pelo seu

suposto caráter moral superior e pelas potenciais contribuições que poderia dar a um país que pretendia progredir e fazer parte do grande concerto internacional das nações.

Perceba-se que se estabeleceu mesmo um enfrentamento entre os dois esportes mais populares. O turfe passou a ser por muitos considerado ultrapassado, expressão de grupos rurais conservadores que valorizavam os jogos de apostas acima de tudo. Essas críticas se acentuavam por serem monarquistas muitas lideranças das corridas de cavalos.

Já o remo tornou-se representado como o futuro, liderado por uma burguesia majoritariamente republicana que valorizava novas posturas morais e desejava que assumisse os rumos da nação uma juventude empreendedora, uma nova geração que se educaria nos rigores do mar, explicitando publicamente suas condições de saúde e sua musculatura avantajada.

Vale destacar que o desenvolvimento do esporte náutico se deveu também a uma distensão dos costumes, um processo que teve como contundente indicador o delineamento do hábito de banhos de mar. A prática começou a ser observada com fins de saúde nos anos 1840. Na ocasião, eram utilizadas barcas estacionadas no oceano. Não se frequentava as praias por preocupações com o pudor.

Nos anos 1860, já mais usualmente as praias começaram a ser utilizadas com fins de entretenimento, mas os banhos de mar eram um hábito matutino, experienciado na madrugada, com horários distintos para homens e mulheres, exigindo-se vestimentas muito rigorosas.

É somente na década de 1890 que os banhos de mar começaram a se tornar mais populares e desfrutados com maior naturalidade. Ainda que persistissem estranhamentos e resistências e seguissem existindo as casas de banho, estabelecimentos para troca de roupa instalados na beira do litoral, os “corpos nus” tornaram-se mais aceitáveis, considerando-se obviamente os parâmetros do momento. Os remadores foram encarados como a mais explícita expressão desse novo momento, cultivadores de hábitos que deixavam para trás uma excessiva rigidez corporal.

Na transição dos séculos XIX e XX, o Rio de Janeiro já vivia uma febre esportiva. Mesmo criticado, o turfe recuperou aos poucos algo de seu prestígio. Novas modalidades movimentavam multidões: ciclismo, natação, polo aquático, jogos de pelota. O críquete não chegou a gozar de grande popularidade, mas o atletismo seguiu valorizado. O remo assumiu definitivamente o protagonismo da cena atlética da cidade, assistindo de longe e com pouca atenção os primeiros passos de um novo esporte que de início também se manteve muito restrito aos clubes de britânicos: o futebol.

Podemos assim resumir aproximadamente a cena esportiva do Rio de Janeiro na transição dos séculos XIX e XX:

*** Entre 1895 e 1905**

Momento de consolidação e grande popularidade do remo. As regatas definitivamente se tornaram celebrados acontecimentos públicos, promovidas majoritariamente na Enseada de Botafogo, indicando também a valorização do litoral da zona sul nos processos de reordenamento urbano entabulados com inspiração no que se passara em Paris.

Na verdade, em vários pontos da Baía de Guanabara se tornou mais frequente a prática do remo, entre os quais na Praia de São Cristóvão (zona norte), na Ilha de Paquetá e no município vizinho de Niterói (costa oriental da Baía de Guanabara).

Surgiram muitos clubes e federações, entre os quais os abordados neste estudo Clube de Regatas Botafogo, Clube de Regatas do Flamengo, Clube de Regatas Vasco da Gama e Clube de Regatas São Cristóvão.

No início do século XX, em 1902, surgiram os primeiros clubes de futebol – o Rio Futebol Clube e o Fluminense Futebol Clube. Em 1905, se fundou a pioneira liga da cidade, responsável por organizar um primeiro campeonato no ano seguinte, já contando com seis agremiações, entre as quais o Botafogo Futebol Clube.

*** Entre 1905 e 1915**

O remo ainda manteve seu prestígio, sendo fundados novos clubes, especialmente na Lagoa Rodrigo de Freitas, na ocasião uma área operária na qual foram criadas também muitas agremiações de futebol.

Efetivamente, tratou-se de um momento de grande difusão do futebol pela cidade. Muitas ligas foram criadas para organizar campeonatos promovidos mesmo nos bairros mais distantes da região central e subúrbios.

Foi o período no qual surgiu o São Cristóvão Atlético Clube e aderiram ao futebol o Flamengo e o Vasco.

Além disso, tratou-se de um momento no qual surgiram outros esportes coletivos, entre os quais o voleibol e o basquetebol

*** A partir de 1915**

Percebe-se o paulatino declínio do remo e a enorme ascensão do futebol, que definitivamente assumiu o papel de esporte mais popular na cidade. Para que se tenha uma ideia, em 1919, pelos

jornais se anunciavam jogos de campeonatos promovidos pelas seguintes associações: Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (três divisões que reuniam os principais clubes da cidade), Liga Suburbana (duas divisões), União da Lagoa Rodrigo de Freitas, Aliança Esportiva Municipal, Liga Militar, Liga Comercial de Desportos Atlético, Associação Atlética Suburbana, Liga Esportiva Fluminense, Associação Brasileira de Esportes Terrestres, Liga Bancária.

Clubes surgiram por todos os bairros do Rio de Janeiro, bem como tornaram-se praticadas as mais distintas modalidades.

Notas conclusivas: as relações entre remo e futebol

Durante muito tempo, e mesmo nos dias de hoje, muito se especula sobre as razões que propiciaram um desenvolvimento tão rápido e intenso do futebol no Rio de Janeiro, algo que não se constitui em exceção no Brasil – assim também ocorreu em muitas outras cidades.

Algumas especulações apontam o fato de ser um esporte que requisita menos material e pode ser adaptado a distintos terrenos. Outros argumentam que a facilidade e estabilidade das regras é um fator determinante. Há aqueles que sugerem que a dinâmica coletiva entusiasma mais do que a das modalidades individuais. Mais atentos às questões históricas, certos autores inferem que a grande popularidade teve relação com suas raízes operárias e com o fato de oferecer notável possibilidade de protagonismo para os populares.

Todos esses fatores podem ser pertinentes em alguma medida, mas nenhum deles explica sozinho a grande e rápida popularidade lograda pelo futebol. Talvez seja mais interessante pensar em sua articulação parcial, sem deixar de considerar as evidências históricas relacionadas à estruturação do esporte no Rio de Janeiro.

Concretamente, as iniciativas ligadas ao futebol já encontraram uma ambiência em que as atividades esportivas eram não só aceitas, como também valorizadas. A sociedade do Rio de Janeiro já conhecia a “gramática esportiva”, os códigos da prática que era tão apreciada.

Nesse sentido, o remo teve uma importância fundamental por difundir uma série de costumes distendidos que marcavam os novos tempos. Inserido na dinâmica de uma cidade que pretendia se modernizar e estruturava uma vida pública exuberante, o esporte náutico ajudou a consolidar hábitos que futuramente seriam definitivamente incorporados ao cotidiano e à identidade dos moradores do Rio de Janeiro, especialmente os banhos de mar e a valorização da praia como espaço de lazer.

Nesse sentido, entende-se porque alguns clubes tenham transitado dos mares para os gramados, nos dois arranjos que abordamos neste estudo – agremiações que criaram equipes de futebol depois do remo ou aquelas que se juntaram para praticar as duas modalidades. As suas trajetórias são uma plena expressão dos movimentos de consolidação do esporte no Rio de Janeiro, sem a compreensão da qual torna-se limitado o entendimento sobre a importância do futebol.

É possível que o futebol tivesse se estruturado e se popularizado se não houvesse antes as iniciativas de remo. Todavia, pelo menos no caso do Rio de Janeiro, podemos também especular que esse caminho seria mais tortuoso se não tivesse percorrido as searas já abertas pelas suas antecedentes agremiações náuticas, um passado que até os dias de hoje segue marcado quando entram em campo para disputar emocionantes partidas de futebol alguns clubes que tiveram origem no remo.

Referências Bibliográficas

Observação - Na escrita deste artigo, fiz uso de outros estudos de minha autoria. Por isso, na bibliografia faço remissão a tais investigações.

MELO, Victor Andrade. Botafogo, Caju, Paquetá: a Baía de Guanabara em festa - o remo e a produção do espaço (1866-1895). *Recorde*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 1-63, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/44510>

MELO, Victor Andrade de. *Braço é Braço*: o Sportsman Abrahão Saliture. Rio de Janeiro: dos Autores, 2021. Disponível em: <https://historiadosporte.wordpress.com/2021/08/08/um-olhar-sobre-as-revistas-abrahao-barra-da-tijuca-colecao-historia-do-esporte-olhares-e-experiencias/>

MELO, Victor Andrade. Novas performances públicas: os clubes *athleticos* e a educação do corpo (Rio de Janeiro, 1884-1889). *Cadernos de História da Educação*, Uberlândia, v. 19, n. 3, p. 1051-1068, 2020. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/56875>

MELO, Victor Andrade. Trânsitos culturais: as experiências dos primeiros clubes *athleticos* do Rio de Janeiro (1873-1883). *Movimento*, Porto Alegre, v. 25, p. e25098, dez. 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/90653>

MELO, Victor Andrade de. A sociabilidade britânica no Rio de Janeiro do século XIX: os clubes de *cricket*. *Almanack*, Guarulhos, n. 16, p. 168-205, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S223646332017000200168&lng=en&nrm=iso

MELO, Victor Andrade. Evidência e especulação: “a origem” do futebol no Rio de Janeiro (1898-1902). *Movimento*, Porto Alegre, v. 23, n. 3, p. 819-934, set. 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/63760>

MELO, Victor Andrade. Entre a elite e o povo: o *sport* no Rio de Janeiro do século XIX (1851-1857). *Tempo*, Niterói, vol. 21, n. 37, p. 208-229, 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141377042015000100011&script=sci_abstract&tlng=pt

MELO, Victor Andrade. O *sport* em transição: Rio de Janeiro, 1851-1866. *Movimento*, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 363 - 376, 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/49489>

MELO, Victor Andrade de. *Rio Esportivo: uma história do esporte na cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015. Disponível em: <https://historiadoesporte.wordpress.com/2021/06/17/rio-esportivo-livro-disponivel-para-download/>

MELO, Victor Andrade. Antes do *club*: as primeiras experiências esportivas na capital do império (1825-1851). *Projeto História*, São Paulo, n. 49, p. 1 - 40, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/18308>

RODRIGUES FILHO, Mário. *Histórias do Flamengo*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1945.